

Arte, infância e formação de professores: autoria e transgressão

Art, childhood and teachers' education: authorship and transgression

Cláudia Oliveira Santos¹

OSTETTO, Luciana Esmeralda e LEITE, Maria Isabel. *Arte, infância e formação de professores: autoria e transgressão*. Campinas; SP: Papyrus, 2004. (Coleção Ágere)

Luciana Esmeralda Osteto e Maria Isabel Leite convidam o público a discutir a formação de professores para trabalhar a Arte na Educação Infantil, compartilhando experiências sobre o desenvolvimento da sensibilidade, da percepção, da reflexão e da imaginação. Para isso, definem os contornos que consideram inerentes à infância, na perspectiva de uma educação mais ampla que se manifeste constantemente no processo da formação humana.

O conceito de *criação*, para as autoras, é integrado à aprendizagem a partir do exercício das relações entre o ideal e o possível, a razão e o sonho, o que possibilita identificar o objeto artístico como produção cultural, em sua historicidade e diversidade. São relações ousadas, que demandam dos professores transgredir concepções de Arte e de infância presentes nas instituições de ensino, determinadas pelo conformismo a padrões estabelecidos. O objetivo é o de superar a relação de conflito artístico-cultural gerado pelas normalizações, permitindo às crianças se tornar e se deixar tornar autoras da sua própria ação.

A organização da obra apresenta reflexões instigantes sobre práticas docentes, reunindo sete artigos que refletem a Arte-educação: o fazer artístico no jogo da criação, da fruição de formas, da leitura, da escrita, do corpo e da *poyesi* produzida no imaginário humano.

¹ Professora da rede particular de ensino de Belo Horizonte.

As autoras assinam conjuntamente o primeiro artigo, "Formação de professores: o convite da Arte", no qual ressaltam por que estão reclamando a contribuição da Arte à formação do professor. Contrárias à idéia do uso instrumental da Arte para a realização de outros trabalhos, sustentam posição diversa: a de que "a arte tem o seu *status* próprio e que não deve ficar a *serviço da* educação ou nela enclausurada" (p. 13). Para elas, o ensino de Arte não consiste no ensino de técnicas, como foi comum no ensino médio no passado, mas caracteriza-se por "experiências estéticas significativas para aquele em formação". Com base nesse princípio, focalizam experiências que mudaram o foco de "Arte-educação" para "educação e manifestações artístico-culturais", desenvolvidas numa faculdade particular, no Rio de Janeiro, e numa universidade pública, em Santa Catarina. O intento é o de ultrapassar o limite de quatro paredes da sala de aula, para que as experiências ali realizadas possam ganhar outros olhares, movimentos, num processo diferente do que os sujeitos envolvidos viam e viviam cotidianamente. As autoras mostram, então, as estratégias adotadas para ampliar a sensibilidade dos educadores, sua percepção para as múltiplas linguagens, o que favorece o mergulho nas descobertas, observando atentamente os processos de ampliação da imaginação, a partir de uma abordagem pedagógica criativa e significativa.

O artigo seguinte, "Linguagens e autoria: registro, cotidiano e expressão", é redigido por Maria Isabel Leite. A partir de estudos e experiências executados na Itália, a autora assinala a relevância dos registros como elementos permanentes no processo de formação, tanto de docentes quanto de crianças. O objetivo é o de assegurar a autoria e a expressão dos registros nas variadas linguagens, seja a escrita, a falada, a cinematográfica, a fotográfica ou a plástica. O registro constitui uma documentação e tem como princípio a responsabilidade de pais, mães, professores e comunidade para garantir a permanência das crianças em creches ou escolas de infância,

afirmando um trabalho coletivo de qualidade. Para a autora, os espaços de construção da identidade dos sujeitos e dos grupos somam partes de histórias vividas, deixando marcas de como pensam, sentem e agem. O registro também assegura a visibilidade do trabalho desenvolvido nas instituições, compartilhando a ação e a construção do processo artístico. É ele que confirma, também, a autoria e a autonomia dos sujeitos envolvidos na dinâmica da Arte como educação e da educação como Arte.

“Mas as crianças gostam! ou sobre gostos e repertórios musicais” é o terceiro artigo do livro, assinado por Luciana Ostetto. Ela analisa como se define o repertório musical na Educação Infantil, tomando como referência a história e as práticas culturais. Segundo a autora, as classificações das músicas como “boas” ou “ruins” são determinadas a partir de construções sociais, ou seja, a forma e a frequência das práticas educativas por meio das quais as músicas são apresentadas às crianças estabelecem o discurso sobre o gosto musical.

Compreender as diferenças entre gostos musicais, afirma a autora, possibilita perceber a existência da diversidade dos repertórios musicais, que se constituem a partir das práticas sociais. Dessa forma, destaca que o gosto pela música não é natural, mas produzido pela cultura de massa da sociedade capitalista em que vivemos. Baseada em estudos antropológicos, Luciana Ostetto ressalta a importância da diversidade e da multiculturalidade da condição humana para mostrar como as interações entre os seres sociais podem determinar trocas, diálogo, sensibilidade e afeto. Seu objetivo é o de explicar, a partir dessas reflexões, os gostos e os repertórios musicais presentes na educação de crianças pequenas.

Segundo a autora, o gosto musical das crianças pode se tornar bastante diversificado, desde que diversos gêneros musicais sejam colocados ao seu alcance, a partir da experimentação de diferentes tipos de sonoridade. Sobre o gosto

pela música, considera relevante perguntar: *como* ele é formado? Afirma que ele se desenvolve a partir das experiências e conhecimentos que as crianças constroem na relação que estabelecem no cotidiano. No caso do espaço escolar, as atividades propostas pelo professor, contemplando diferentes linguagens, podem favorecer a construção de um ambiente prazeroso e criativo. Por isso, a autora defende que é tarefa da escola colocar à disposição das crianças tudo o que já foi produzido e criado pela humanidade, para possibilitar-lhes uma educação que promova a abertura de novos canais de expressão e também permita expandir de forma ilimitada o espaço da Arte-imaginação.

A Arte como forma de desenho é o tema do quarto artigo, intitulado "A criança desenha ou o desenho criança? A re-significação da expressão plástica de crianças e a discussão crítica do papel da escrita em seus desenhos", de Maria Isabel Leite. Aí, a autora analisa uma experiência que realizou no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, com crianças de seis a 14 anos, procurando identificar a dimensão estética e poética de seus registros sobre a exposição "Dalí monumental".

A preocupação da autora é identificar se os desenhos das crianças são retratos diretos ou representações, simbolismos das experiências vivenciadas no cotidiano escolar e familiar. Ela os compreende como produção cultural, formas de expressar e fazer o mundo. Considera que a interpretação dos desenhos das crianças envolve reflexões que podem ser definidas como manifestações lingüísticas. Para a autora, esse tipo de trabalho está ligado ao processo do como fazer, e não ao produto final, uma vez que o desenho infantil apresenta traços que configuram um diálogo aberto com outras formas de expressão artísticas e culturais. Salienta, ainda, que o desenho da criança possui uma dimensão escrita que pode ser interpretada, desde que sejam analisadas as condições em que foi criado, explicando as relações entre imagens e pensamento.

Já no artigo “Do cinzento ao multicolorido: linguagem oral, linguagem escrita e prática pedagógica na educação infantil”, Luciana Ostetto examina os estudos de Vygotsky sobre os significados das palavras e os escritos de Bakhtin a propósito da idéia da língua como produção referenciada a um contexto. A autora afirma que a rigidez existente na prática pedagógica retira o toque da razão, da emoção, da cognição e impossibilita iluminar a busca da linguagem. Antes da escrita, observa a autora, outras linguagens estão presentes no cotidiano da Educação Infantil, embora considere o ato de escrever a maneira mais refinada da linguagem humana. Para ela, o reconhecimento e a descoberta da linguagem como Arte propiciam a construção de uma educação com cores, musicalidade e alegria: a linguagem do sonhar para poder criar.

Em “Educação e cinema: um recorte sobre o papel cultural dos festivais”, Maria Isabel Leite apresenta a relação entre as linguagens visuais, estéticas e dramáticas na Arte da criação. É a partir de reflexões sobre essas relações que a autora destaca aspectos sobre a inteligibilidade do cinema e a singularidade imagética dos festivais de cinema de Gramado. Propõe a aproximação do cinema à escola, não apenas como forma de suavizar os conteúdos escolares, mas para ampliar o conceito de educação, desacomodar percepções, provocar estranhamento de olhares e escutas. Enfim, propõe desenvolver o trabalho da alteridade, das trocas subjetivas, das cenas vistas e vividas como formas singulares que definem o ser sujeito da ação de (re)criar.

O último artigo, “Dos gestos na educação infantil: textos do corpo”, é elaborado por Luciana Ostetto, a partir do estabelecimento de relações entre o corpo e a educação. Ela leva em conta o corpo que aparece no instantâneo de observador/leitor de imagens, de significados, de marcas, de memórias, de regras e de desejos. O corpo que provoca, movimenta, capaz de possibilitar a expressão e a criação de

circularidades da vida. O elo entre o educador e a criança pequena, na opinião da autora, consiste na inteireza do corpo e da alma; da razão e da emoção; da luz e da sombra, para possibilitar os seus gestos, suas danças na dimensão da educação e da Arte.

O livro busca, em seu conjunto, romper com velhas teorias sobre a Arte, formulando novos referenciais para pensar e fazer, ou ainda, ensinar e aprender o conhecimento da Arte no domínio do imaginário, como terreno de linguagens diversas e diversificadas, em sua produção no encontro com a experiência humana. Apresenta a sensibilidade como canal para apreender as texturas, as linhas, as cores e os sons numa nova perspectiva para a educação da Arte. A obra ganha destaque na medida em que possibilita a percepção da emoção, do movimento, e permite, por meio das experiências que são apresentadas, visualizar situações de acesso a possibilidades de mudanças que estimulam a investigação sobre o trabalho docente no campo da Arte, principalmente para entender a criança no devir da Arte-Educação.

Recebido: 27-11-04

Aprovado: 20-12-04